



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/pampa/>

Pampa através de outras lentes: uso de fotografia e outras modalidades artísticas para divulgação científica da biodiversidade e conservação do Pampa

Amanda Mello[1]

Márcio Borges Martins[2]

RESUMO: Os eventos extremos têm se tornado cada vez mais frequentes, evidenciando a urgência de repensar políticas de proteção ambiental. Um exemplo foram as enchentes que devastaram extensas áreas do Rio Grande do Sul no ano de 2024, escancarando a necessidade de tornar urgente a proteção do bioma Pampa, o mais devastado do país, que está presente em mais da metade do território do estado. Por conta da ação antrópica o Pampa está passando por um processo acelerado de conversão da vegetação nativa, causando a arenização e a compactação do solo, que impedem a absorção da água. A proteção do Pampa é fundamental para evitar que passemos por mais um episódio como esse, e para mover políticas públicas de proteção ambiental, a incorporação do problema no coletivo é fundamental. Pensando nisso, desenvolvemos um projeto com o objetivo de explorar o uso de ferramentas artísticas como forma de divulgação científica e conscientização da sociedade com relação às questões de biodiversidade e conservação do Bioma Pampa. Esse artigo é um relato de experiência do projeto, um evento de extensão, que aconteceu nos dias 11 e 12 de outubro de 2025, na Casa Baka (Porto Alegre, RS). Através das atividades idealizadas, o público pôde se envolver com a pauta, e entendendo a importância dela.

PALAVRAS-CHAVE: Pampa. Arte. Extensão. Divulgação científica.

Pampa Through Other Lenses: The Use of Photography and Other Artistic Modalities for Science Communication on Pampa Biodiversity and Conservation

ABSTRACT OU RESUMEN: Extreme weather events have become increasingly frequent, highlighting the urgency of rethinking environmental protection policies. A notable example were



the floods that devastated the state of Rio Grande do Sul in 2024, laying bare the need to urgently protect the Pampa biome, the most degraded in the country, which covers more than half of the state's territory. As a result of anthropogenic action, the Pampa is undergoing an accelerated process of native vegetation conversion, causing desertification and soil compaction, which prevent proper water drainage. Protecting the Pampa is essential to prevent further episodes of this kind, and in order to drive public environmental protection policies, the incorporation of this issue into the collective consciousness is fundamental. With this in mind, we developed a project aimed at exploring the use of artistic tools as a means of science communication and raising societal awareness regarding biodiversity and conservation issues in the Pampa Biome. This article is an experience report of the Project, an outreach event held on October 11 and 12, 2025, at Casa Baka (Porto Alegre, RS). Through the activities conceived, the public was able to connect with the issue and understand its importance.

KEYWORDS OU PALABRAS CLAVE: Pampa. Art. Outreach. Scientific dissemination.

“E acontece o seguinte: quando estranho uma pintura é aí que é pintura. E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida.”
(Lispector, 1998, p. 85)

Introdução

As catástrofes naturais dos últimos anos, como as enchentes no RS em 2024, têm demonstrado a importância de informar a urgência na preocupação com pautas ambientais. Em um mundo globalizado, em que os avanços da tecnologia permitem a propagação de desinformação com tanta rapidez, vivemos em um contexto de muito pessimismo na ciência, em que os esforços para



comunicar essa urgência nunca parecem suficientes. Nesse contexto, a pergunta que fica é: qual o segredo para sensibilizar a sociedade para questões ambientais?

A divulgação científica é fundamental dentro do ambiente acadêmico. Ela tem como objetivo gerar e difundir informação técnica, de qualidade, e com linguagem acessível para a população. A distância entre pesquisadores e sociedade é um problema histórico, já que a linguagem que costuma ser usada para comunicação científica tem como base o “modelo de déficit” (Simis *et al.*, 2016). Ele não é adequado para essa finalidade porque é fundamentada em relação linear e hierárquica entre emissor e receptor (Simis *et al.*, 2016; Suldovsky, 2017). Essa relação é baseada na crença de que o receptor sempre poderá processar informações de forma racional (Simis *et al.*, 2016).

Para uma comunicação clara e envolvente é preciso levar em conta a diversidade de públicos e a riqueza de experiências vividas com o assunto tratado. Isso implica não considerar os públicos como leigos, ou como alvos finais de informações prontas, acabadas (Simis *et al.*, 2016; Suldovsky, 2017).

A arte, pelo contrário, causa um certo estranhamento (Lispector, 1998), que faz o espectador se envolver e questionar, teletransportando-o para além do que é dito, permitindo que ele participe da construção da informação comunicada, usando da subjetividade para sensibilizar. Por isso, a arte é uma interessante alternativa de ferramenta para divulgação científica (Curtis; Guy Ballard, 2014).

A arte é um campo de produção simbólica, que permite questionamentos e abre espaço para ressignificar elementos do cotidiano. É desse lugar que a divulgação científica pode se beneficiar, utilizando desse espaço aberto para introdução de informação científica. A arte é também uma excelente ferramenta para capturar a atenção do público pela sua capacidade de tocar as emoções das pessoas. Emoções são respostas fisiológicas a experiências sensoriais, e quando emotivas, as pessoas tendem a prestar mais atenção, e, conseqüentemente, formarem memórias de longo prazo. Logo, a arte facilita não só o interesse pela informação científica, mas também a fixação desse conhecimento na memória (Curtis; Ballard, 2012).



Uma questão ambiental que precisa urgentemente de mais visibilidade é a questão da conservação do Bioma Pampa, um ecossistema extremamente negligenciado e devastado pela ação antrópica. Apenas cerca de 3% do território do Pampa é protegido por lei em Unidades de Conservação (Wizniewzky et al., 2017). Isso, por si só, já é um problema, mas, além disso, as iniciativas de proteção entram em conflito com as políticas de incentivo ao aumento da produção agrícola e pecuária, que demandam cada vez mais espaço (Wizniewzky et al., 2017). Esse incentivo já está gerando consequências drásticas. Nos últimos 40 anos, o Pampa teve mais de 40% da sua vegetação suprimida para uso antrópico, e resta apenas 43,2% da sua formação original preservada (MapBiomas, 2022).

Um dos motivos da negligência com a conservação desse bioma é o desconhecimento de sua vasta biodiversidade. Esse é um ecossistema riquíssimo, com mais de duas mil espécies de eudicotiledôneas, mais de 900 espécies de líquens, mais de 700 de lepidópteros, entre muitas outras (Andrade *et al.*, 2023). Além disso, essa diversidade tem como palco os mais diferentes tipos de paisagens, representadas em diferentes regiões fisiográficas: Litoral, Encosta do Sudeste, Serra do Sudeste, Depressão Central, Campanha, Missões e Planalto Médio (Stumpf *et al.*, 2009). Cada uma delas possui vegetação, relevo e características que as diferenciam, tornando a paisagem do bioma plural e diversificada.

O desconhecimento dessa vasta diversidade está relacionado com a desvalorização de ecossistemas não florestais no Brasil (Overbeck et al., 2015). Como já foi dito, as leis de proteção para esse ecossistema são mínimas, e a fiscalização é precária. Diferente dos cenários de biomas de formações florestais (Overbeck et al., 2015), no Pampa, ao invés de incentivo à preservação, o que se observa são políticas de incentivo ao aumento da agricultura extensiva (Wizniewzky et al., 2017). Dar visibilidade à questão da perda de diversidade local e supressão da vegetação nativa no Bioma Pampa é fundamental para mobilizar a população e aprimorar as políticas públicas para mudar esse cenário.

Esse trabalho é um relato de experiência de um evento de extensão intitulado: “Pampa: trazendo luz a questões de conservação e biodiversidade”, organizado para sensibilizar a sociedade para uma questão ambiental urgente: a negligência com o Pampa. O evento teve o objetivo de experimentar atividades artísticas que transformem metodologias tradicionais de divulgação



científica e ampliem a conscientização da sociedade com relação à situação de conservação e biodiversidade do bioma Pampa. Essa é uma ação de extensão vinculada ao Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, Instituto de Artes da UFRGS (PEHPA-IA/UFRGS), tendo sido lançado no catálogo do projeto em novembro de 2025 (Maus; Polidoro, 2025). A ação contou também com o apoio do PPG Biologia Animal UFRGS e do espaço de arte e cultura Casa Baka, junto do curador do espaço Diego Groisman. Segue o trecho do texto de apresentação da exposição:

Verdes Pampas: se podes ver, repara

José Saramago abre o livro *Ensaio sobre a cegueira* com a epígrafe: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Assim, o escritor convida-nos a perceber o mundo através de um olhar sensível e cuidadoso, capaz de nos tirar da zona de cegueira e de barbárie que habitamos. É esse olhar reparador sobre o ecossistema singular do Pampa que buscamos cultivar, entre arte e ciência, durante o conjunto de eventos que reuniu exposição fotográfica, peça teatral e roda de conversa intitulado “Pampa: trazendo luz a questões de conservação e biodiversidade” (...).

Na exposição, Amanda Mello (@amandammello) e Martin Klippel (@klippellui), sob a curadoria dos professores da UFRGS Márcio Borges-Martins (@marcioborgesmartins) e Lilian Maus (@lilianmaus), apresentam paisagens e elementos da biodiversidade do Pampa, convidando o público a enxergar as suas riquezas e a refletir sobre as ameaças e os riscos que o bioma enfrenta. As fotografias propõem formas singulares de perceber esse território, questionando o conceito de Pampa presente no imaginário coletivo e revelando-o através de outras lentes. (Maus; Borges-Martins, 2025)

Mas que “outras” lentes são essas? São lentes que reparam nessa vasta diversidade, e preocupam-se em mostrar que ela está em perigo. No intuito de fazer reparar, foram selecionadas 31 fotos com base nos seguintes critérios: resolução, qualidade gráfica e representatividade, com o intuito de ambientar o público no Pampa que vemos através das nossas lentes, com base em uma perspectiva científica e sensível. A representatividade foi o critério mais desafiador, é impossível representar todo o Pampa em uma quantidade tão pequena de fotos? Então, que Pampa é este que queremos representar através das nossas lentes? Pensando nisso, selecionamos algumas categorias que considerávamos importantes para a representatividade, foram elas: paisagem, tradição, biodiversidade e ameaças.

Priorizamos que a seleção final incluísse pelo menos uma foto de cada categoria, construindo esse Pampa biodiverso que desejávamos representar. Incluímos também a escolha de fotos de organismos endêmicos da região e fotos com interações humanas. A presença de pessoas nas



fotos, além de oferecer a noção de escala ao espectador, é fundamental para conectar as pessoas à obra. Essa conexão vem de uma paixão que o ser humano cultiva de observar histórias contadas visualmente, em imagens (Peres, 2009). A forma como as fotografias foram dispostas no espaço foi escolhida com o intuito de comunicar a narrativa ao público, levando em conta as relações biológicas das paisagens e organismos representados e a harmonia de cor entre as fotos.

A categoria “paisagem” foi destinada à representação das mais diversas paisagens do Pampa, buscando retirar do imaginário coletivo a falsa ideia de que o Pampa possui apenas a típica paisagem de coxilhas cobertas com formações campestres. Nessa categoria, as fotos, no geral, estão em plano panorâmico; para mostrar a dimensão das paisagens. A categoria “biodiversidade” foi destinada a representar alguns organismos da região, alguns endêmicos, outros pouco conhecidos. Essa categoria foi escolhida com o objetivo de mostrar a riqueza “escondida” do Pampa, essa biodiversidade, que muitas vezes não aparece, fica ofuscada diante da exuberância de organismos de ecossistemas vizinhos. Nessa categoria, as fotos costumam ser de detalhe.

A categoria “tradição” é destinada a mostrar a importância do Pampa para a formação cultural do povo gaúcho, imaginário reforçado pelo movimento tradicionalista da década de 1950 (Oliveira, 1991), que teve esse bioma como cenário para construção da sua identidade. É nessa categoria também que abordamos a importância dos herbívoros domesticados e da criação de animais para a conservação do Pampa, uma atividade econômica, com caráter cultural e que concilia preservação do ecossistema, tornando-se parte dele. A categoria “ameaças” retratou algumas das principais atividades antrópicas que ameaçam a integridade desse ecossistema.

Reparando através de outras lentes

No intuito de contribuir para a ampliação da percepção da paisagem pampiana no imaginário coletivo, no primeiro conjunto de fotos (figura 1), agrupamos três fotografias de paisagens de campos nativos, interrompidas por manchas de florestas nativas. É a representação dessa paisagem em mosaico, que acontece próximo às matas das margens de rios no Pampa, que deixa evidente que o Pampa é campo, mas também é floresta (Oliveira *et al.*, 2016).

A última foto do conjunto (figura 1C), mostra a presença de vacas na mesma paisagem das fotos anteriores, com o objetivo de mostrar que esses animais fazem parte dessa paisagem, esclarecendo a importância dos herbívoros domesticados para manutenção do campo nativo



(Cruz, Guadagnin, 2010). É graças à presença desses animais que essa configuração pode existir, e hoje eles fazem parte dessa paisagem. A presença das vacas também cria ângulos mais dinâmicos e diagonais, trazendo intensa expressividade e movimento espacial para a fotografia.



Figura 1. Conjunto número um, 2024. Fotografias 21 cm x 29,7 cm. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. A) Na trilha. B) Morros e campos. C) Pastejado.

No segundo conjunto de fotos (figura 2) estão representadas as formações rochosas, uma paisagem típica da Serra do Sudeste do Pampa, com os morros (cerros) característicos dessa região (Stumpf, 2009). Essas fotos objetivam mostrar mais essa diferente paisagem do Pampa, com formações rochosas, solos expostos e com uma flora e fauna diferente e adaptadas a essas modificações. Representando um pouco dessa flora, temos nas fotografias seguintes (figura 2C), um exemplar de *Pavonia secreta*. Ela só ocorre na região da Pedra do Segredo em Caçapava do Sul, uma planta endêmica (Grings, Krapovickas, 2011). Além dela, temos uma de *Echinopsis oxygona* (figura 2D). Vale destacar que os cactos são muito comuns em áreas de solo rochoso, essa é uma região com uma vasta diversidade de espécies da família Cactaceae, muitos inclusive ameaçados de extinção (Lemos, 2019).

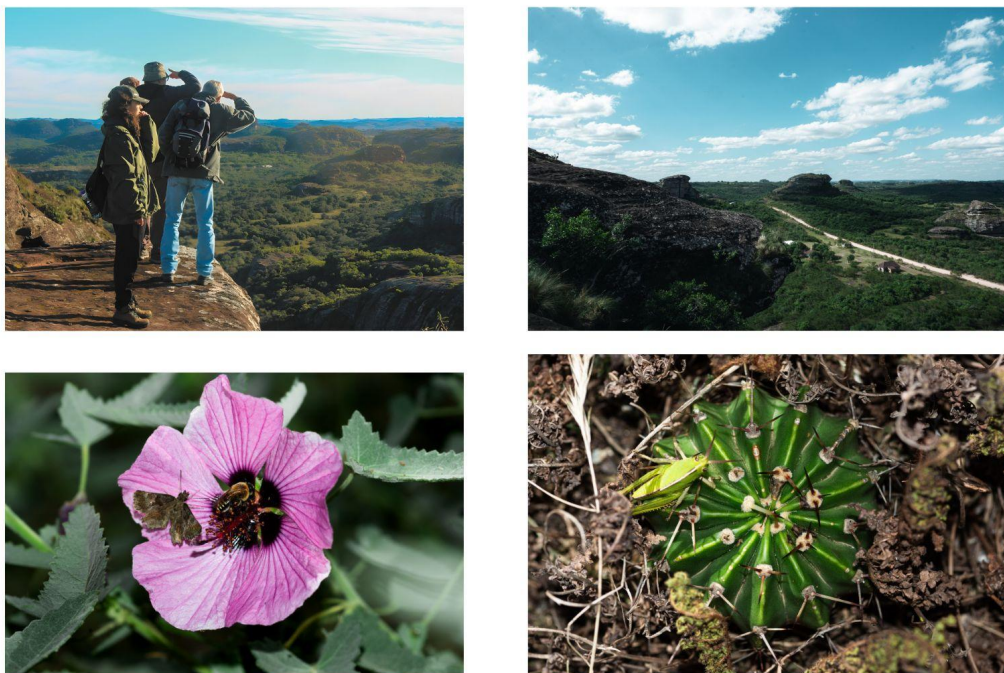


Figura 2. Conjunto de fotos número dois, 2024. Fotografias, 21 cm x 29,7 cm. A) À vista. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. B) Campo rochoso. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal. C) Pavonia. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal. D) Espinhoso. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal.

O terceiro conjunto (figura3) tem também o objetivo representativo da importância do costume da criação de animais para manutenção do campo, agora com imagens de cavalos. A imagem é carregada de história na tradição gaúcha. Pensamos o quarto conjunto de fotos (figura 4) para representar as florestas do Pampa. A primeira fotografia é de uma Corticeira do banhado (*Erythrina crista-galli*) (figura 4A), uma árvore muito comum no Rio Grande do Sul, seu corte é proibido por conta de sua importância ecológica e cultural (Carvalho, 2006). Resistindo às condições mais adversas e eventos extremos, a corticeira tornou-se um símbolo de resistência (Carvalho, 2006). A segunda fotografia mostra uma mata fechada e densa (figura 4B), uma paisagem considerada inusitada para o bioma Pampa.



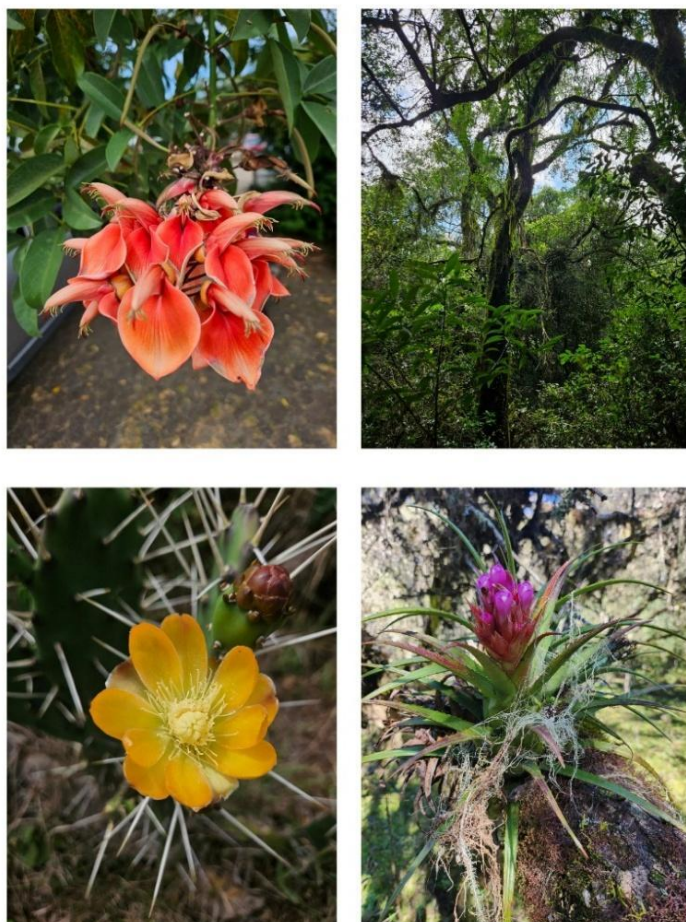


Figura 3. Conjunto número três, 2024. Fotografias 21 cm x 29,7 cm. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. A) Cavalos 1. B) Cavalos 2. C) Cavalos 3.

Figura 4. Conjunto número quatro, 2025. Fotografias 21 cm x 29,7 cm. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. A) Persistência. B) Imersão. C) Delicadeza. D) Cravo.

O quinto conjunto (figura 5) conta com duas fotos de paisagens do Pampa (figuras 5A e 5C), reforçando nossa intenção de ilustrar essa diversidade de composições. Além disso, encontramos novamente com a presença de herbívoros domesticados, reforçando a sua importância cultural e ecológica, tornando-se parte da paisagem que queremos construir no imaginário do espectador.

Para representar as ameaças ao Pampa, escolhemos três fotos: uma de plantação de eucalipto – silvicultura (figura 6A), outra de soja – monocultura (figura 6B) e outra de braquiária – pasto exótico (figura 6C). Elas foram agrupadas em um conjunto (figura 6). No intuito de diferenciá-las



das demais fotografias e identificá-las como ameaças ao Pampa, fizemos uma instalação artística ao redor das fotografias com fitas pretas com amarelo que normalmente sinalizam perigo. Foi uma ideia um pouco mais arriscada, que apostava na imaginação do público, e usava do poder subjetivo dos trabalhos artísticos. A arte ganha potência quando sai do campo da literalidade, utilizando metáforas e deslocamentos de sentido.

Pelos relatos, nem todo mundo entendeu em um primeiro momento, gerando uma certa estranheza, o que deixou tudo muito interessante. A instalação rendeu bastante debate, abrindo espaço para conversas sobre o que aquelas fotos significavam, tornando-se um elemento de interatividade com o público.

Escolhemos representar a silvicultura e a plantação de pasto exótico porque são atividades que assolam o Pampa de forma expressiva (Wizniewzky et al., 2017). Porém, de longe, a soja é a mais problemática delas (Kuplich et al., 2018). Por isso, a foto mais emblemática desse conjunto é a da plantação de soja, ainda mais porque ela ilustra uma casa abandonada no meio da plantação.

Essa fotografia representa a problemática da contaminação humana por uso excessivo de agrotóxicos (Moreira et al., 2002), que pode levar ao abandono de casas na zona rural. Essa pauta traz um viés social para a importância da preservação do Pampa. No livro “O dia escuro”, no conto “Os pássaros”, a escritora Natalia Polesso retrata essa problemática; de uma forma sensível e emocionante, esse texto literário narra um pouco do drama moral de Cláudia, uma personagem que cuidou do pai doente após uma séria intoxicação por agrotóxico. Segue um trecho do conto:

Cláudia pensou que a natureza exigia algumas escolhas desconfortáveis. Ela sabia. Tinha tomado algumas decisões difíceis antes e talvez aquele fosse o momento de retomar sua vida. A morte do pai, pensa e se corrige, a assistência à morte do pai foi uma delas. Lembrava dele dizendo, eu quero morrer, já chega, ninguém merece viver assim, eu não quero viver assim, filha, me leva pra casa e me mata. Me mata, por favor, minha filha. Cláudia levou o pai para casa e atendeu seu desejo. Superdosagem. Morreu tranquilo. Ao menos era o que dizia a si mesma. Foi em paz. Morreu no dia em que pulverizavam com mais veneno a plantação ao lado. (Polesso, 2024, p.104).



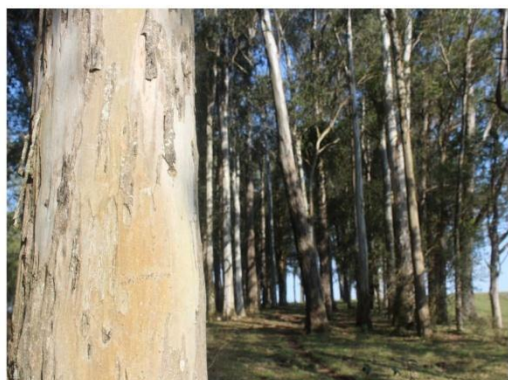


Figura 5. Conjunto de fotos número cinco, 2024. Fotografias, 21 cm x 29,7 cm. A) Campo floresta. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. B) Vacas em campo nativo. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal. C) Poente. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 6. Conjunto número seis, 2024. Fotografias 21 cm x 29,7 cm. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. A) Substituto. B) Lucro. C) Cor.

O conjunto de número sete (figura 7) tem duas fotos de uma figueira nativa frondosa. As figueiras são árvores emblemáticas do Pampa gaúcho e muitas pessoas reconheceram-na na foto, de longe. Pela sua força e exuberância, as figueiras são a representação da proteção e conforto, especialmente no imaginário sulino (Pustai, 2017). Como é muito comum na região, ela acabou evocando memórias nos visitantes, conectando-os a obra.



Além disso, a escolha de colocar fotografias da mesma planta em horários diferentes representa a ideia de passagem do tempo. No livro “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo, uma passagem da personagem Bibiana Terra, nos faz refletir sobre esse assunto: "Como o tempo custa a passar quando a gente espera! Principalmente quando venta. Parece que o vento maneja o tempo." (Verissimo, 1967, p.40). Esse trecho evidencia a percepção da passagem do tempo pelas mudanças na paisagem.

Muitas coisas mudam com o passar dos anos, mas uma figueira, por exemplo, assim como outros elementos da natureza, podem permanecer vivos por muitos anos, testemunhando diversos acontecimentos. No livro, assim como em nossas vidas, uma figueira pode acompanhar gerações de uma mesma família. Esse conjunto de fotografias convida os espectadores a perceberem a passagem do tempo através da paisagem. O questionamento que fica é: o que muda na nossa percepção de passagem do tempo, com as mudanças tão bruscas na paisagem pampiana?

Com o objetivo de, novamente, representar um pouco da biodiversidade do Pampa, as outras duas fotografias do conjunto inauguram as representações da fauna. Em uma delas, podemos ver um *Melanophryniscus atroluteus* (figura 7B), um sapinho típico do Pampa (Zank *et al.*, 2014). Na outra, está representado uma *Bothrops pubescens* (figura 7C), a famosa jararaca-pintada, uma espécie peçonhenta de víbora, muito característica do Pampa (Hartmann *et al.*, 2005), que gerou pavor em alguns visitantes da exposição.

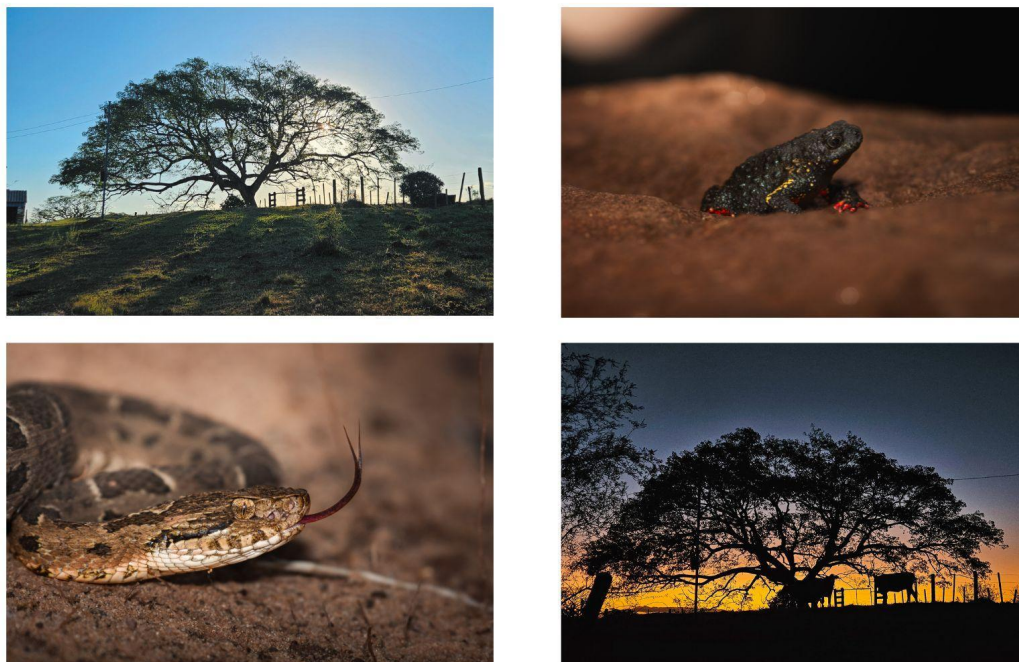


Figura 7. Conjunto de fotos número oito, 2024. Fotografias, 21 cm x 29,7 cm. A) Árvore do tempo 1. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. B) Vermelho. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal. C) Peçonha. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal. D) Árvore do tempo 2. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal.

A maioria das florestas do Pampa são ribeirinha, ou seja, são faixas de florestas adjacentes aos corpos hídricos (Poester *et al.*, 2012). Elas têm uma importância fundamental, não só ecológica, mas também pelos serviços ecossistêmicos prestados, principalmente de manutenção das encostas dos rios (Poester *et al.*, 2012). No conjunto oito (figura 8), a ideia foi representar um pouco dessas florestas (figura 8A), bem como elementos da fauna que a habita, sendo acompanhada na exposição da fotografia de dois anuros comuns no Pampa gaúcho.

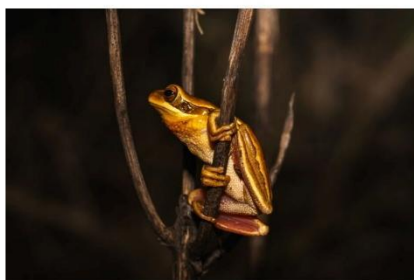
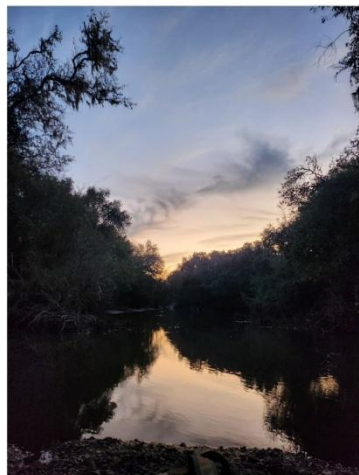


Figura 8. Conjunto de fotos número nove, 2024. Fotografias, 21 cm x 29,7 cm. A) Ribeirinha Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal. B) Pouso. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal. C) Pele. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal.

O último conjunto (figura 10) tem por objetivo principal a representação da fauna local. Além da primeira foto, que representa uma ovelhinha (figura 10A), o conjunto também conta com as fotos de dois lagartinhos, o *Tropidurus catalanensis* (figura 10B), e o *Homonota xiru* (figura 10C). Este último é uma espécie descrita recentemente e que, até agora, só foi encontrada no Rio Grande do Sul, na região do Pampa, sendo, portanto, uma espécie endêmica (Malleret, *et al.*, 2023). A última fotografia do conjunto e da exposição é de um *Paroaria coronata* (figura 10D), o Cardeal. Além dessa ave ser extremamente comum no Rio Grande do Sul (Petzhold, 2021), e estar muito presente na memória das pessoas, essa fotografia é muito importante porque o Cardeal é um personagem da peça teatral criada especialmente para o projeto, conectando-a à exposição.

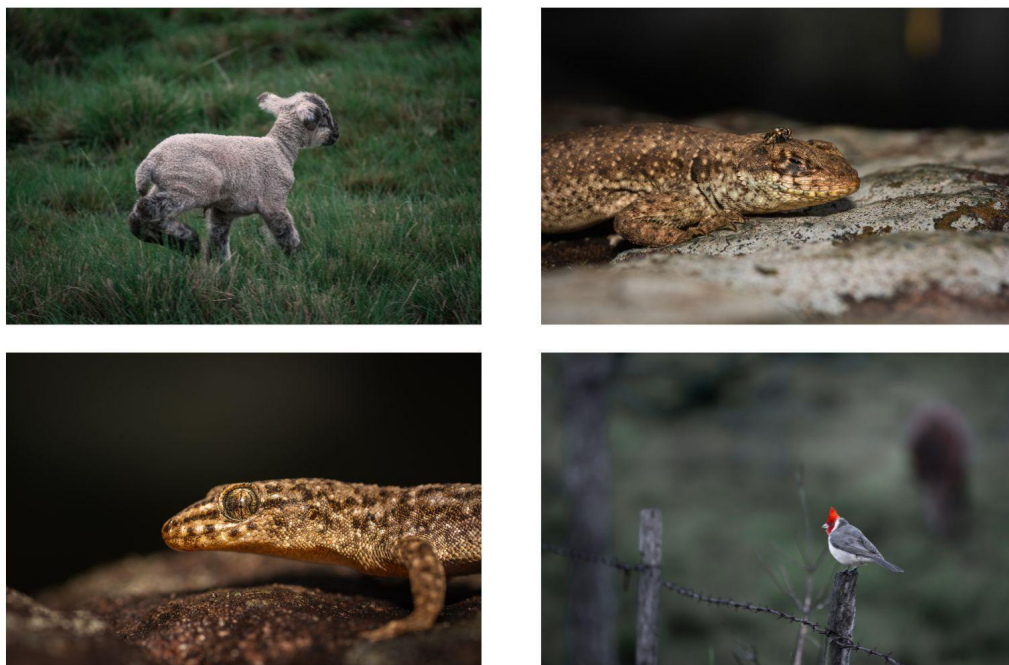


Figura 10. Conjunto número dez, 2024. Fotografias 21 cm x 29,7 cm. Martin Klippel. Fonte: arquivo pessoal. A) Felpudo. B) Soneca. C) Xiru. D) Guardião.

Tanto nos relatos escritos, quanto nos escutados durante e após o evento foi possível perceber a mobilização que as fotos fizeram nos sentimentos das pessoas. Os relatos foram dos mais variados, muitas pessoas não tinham ideia da vasta diversidade do bioma, outras sentiram-se tocadas ao recordar de paisagens que costumavam ver durante suas infâncias, outras simplesmente se impressionaram com a beleza das fotografias. Isso pôde ser ilustrado, por exemplo, no relato de Henrique Quiato (2025), deixado no Livro de registros disponibilizada ao final da exposição:

Trouxe minha mãe, que não é muito próxima das problemáticas que encontramos no Pampa. Adorei ver ela relacionando as fotos tanto da fauna quanto da flora com as vivências dela, da família e lembrando coisas que ela conecta com parentes distantes que já foram mais próximos. Acho que é a partir dessas atividades que conseguimos trazer de forma mais íntima nosso lugar de origem que acaba ficando distante morando na cidade. Adorei a exposição, Amandita! Baita projeto e vou adorar ver os resultados disso na tua defesa (Mello, Klippel, 2025)!

Pela sua potente capacidade de tocar emoções, a arte é capaz de criar memórias inesquecíveis (Curtis; Ballard, 2014). O conjunto de atividades educativas propostas foi fundamental para passar a mensagem desejada. As ações geraram debates e elucidaram dúvidas geradas pelas fotografias e



pela peça teatral. Abrindo o projeto para diálogo e participação popular, puderam ser contextualizados os processos criativos na roda de conversa além de praticados exercícios em grupo na atividade de colagem. Entre as metodologias testadas, pudemos criar uma rede que passa pelo sentir, questionar, esclarecer, expressar e memorar. Esse foi outro aspecto que ficou evidente no Livro de registros da exposição, com o registro de Gabriel Henz (2025):

Primeiramente quero parabenizar toda a equipe do evento, principalmente a idealizadora, Amanda. Trazer toda essa temática dos Pampas de um jeito lúdico e interessante, trazendo notoriedade para as nuances das problemáticas legislativas e de fiscalização do nosso Bioma. O evento estava cativante! Todo o sucesso na tua jornada acadêmica, Amanda (Mello, Klippel, 2025)!

O julgamento do Pampa: dramatizar para envolver

Com o objetivo de comunicar o tema de forma acessível, uma peça teatral foi montada pelo Clube de Teatro da Física, um projeto de extensão que ganhou destaque e premiação no Salão de Extensão UFRGS 2025. A apresentação teve duração de quinze minutos e foi o momento de maior lotação da sala (figura 11). A ideia aqui era usar de adereços marcantes e icônicos, desenvolvendo personagens cativantes e uma trama envolvente para despertar, com humor e crítica social, o interesse do espectador para a temática do Pampa. A peça foi pensada para ser levada a escolas, logo ela conta com uma linguagem acessível a todos os públicos.



Figura 11. Público 3, 2025. Fotografia digital. Márcio Borges Martins. Fonte: arquivo pessoal.

A montagem se chama “O Julgamento do Pampa”, e conta a história de um conflito de uso de terras do Pampa que tem de ser resolvido no tribunal. A Bióloga conservacionista tem de trabalhar como advogada em defesa do Pampa, chamando as testemunhas para ajudar a provar as irregularidades. As testemunhas são elementos da biodiversidade do Pampa: as vaquinhas Mimosa e Griselda (figura 12B), a plantinha Vernonia (figura 12C) e o Cardeal (figura 12A). Elas apresentam seus casos de maus tratos e supressão da biodiversidade nativa. Os acusados são os empresários ReidoGado, Silvio Cultura e Sergio Sojae, representados pelo mesmo ator, que troca apenas alguns adereços para mudar de personagem, passando a ideia de que apesar de serem ameaças diferentes, elas têm o mesmo efeito na natureza: a supressão da diversidade.



Figura 12. Fotografias da peça teatral. A) Cardel, 2025. Fotografia digital. Gabrielle do Amaral. B) Mimosa e Griselda, 2025. Fotografia digital. Gabrielle do Amaral. Fonte: arquivo pessoal. C) Vernonia, 2025. Fotografia digital. Gabrielle do Amaral. Fonte: arquivo pessoal.

A bióloga faz de tudo para defender seus clientes, comprando briga com os empresários, que se exaltam, ofendendo as testemunhas e deixando transparecer sua crueldade. Depois de muita



confusão, acompanhada de vibrações e vaias da plateia, a juíza chega ao seu veredito de que a sessão foi adiada, deixando a defesa desolada (figura 13). A juíza termina a peça mostrando sua parcialidade, ao deixar o palco junto dos empresários.



Figura 13. Veredito, 2025. Fotografia digital. Gabrielle do Amaral. Fonte: arquivo pessoal.

A plateia se envolveu com a história, engajando com os personagens nos momentos de vaias, surpresas e vibrações que aparecem no roteiro, além das risadas que perduraram durante toda a apresentação. A peça deixa um final em aberto, o que deixa muitos questionamentos na plateia, abrindo espaço para um debate, que no dia do evento, foi feito na roda de conversa. Após a apresentação, o clube já recebeu três convites para levá-la a escolas.

Trazendo luz a questões de conservação e biodiversidade

Aproveitando o engajamento da plateia, o interesse e as “pontas soltas” que a peça deixou, a atividade seguinte foi uma roda de conversa com estudiosos da área (figura 14). Em uma roda de conversa, o público é convidado a participar, foi por esse motivo que escolhemos esse formato, deixando claro desde o início que todos tinham abertura para levantar a mão para perguntar ou fazer colocações. A partir de cada pergunta feita, uma ampla discussão foi aberta, não apenas pelas exposições feitas pelos pesquisadores, mas também pelo engajamento do público.



Figura 14. Roda de conversa 1, 2025. Fotografia digital. Ariosto Mello. Fonte: acervo pessoal.

Os estudiosos convidados foram os Professores Paulo Brack (trabalha em projetos de pesquisa e extensão sobre conservação, uso sustentável da flora do RS e políticas públicas em biodiversidade e meio ambiente) e João André Jarenkow (trabalha com estrutura, diversidade e dinâmica de florestas) e a Pós-doutoranda Ana Porto (experiência em ecologia vegetal, restauração ecológica de campos, licenciamento e educação ambiental). Amanda Mello fez a mediação da conversa, conduzindo a fala através de algumas perguntas que deixassem claro as temáticas abordadas no evento, com o objetivo principal de conscientizar sobre a importância de políticas públicas de proteção do Pampa.

A primeira pergunta foi a seguinte: “O Pampa é um ecossistema biodiverso? Comentem um pouco sobre essa biodiversidade e qual a importância dela.” Essa é uma pergunta que, à primeira vista, pode parecer trivial, mas foi fundamental para contextualizar o espectador e conduzi-lo ao entendimento da importância de conservá-lo. Ao respondê-la, a Pós-doutoranda Ana Porto pôde falar um pouco da grande diversidade de plantas campestres, que, muitas vezes, é esquecida ou não percebida. Em um quadrado de apenas 1 x 1 m foram encontradas 56 espécies de plantas vasculares em uma área campestre (Menezes *et al.*, 2018), o que evidencia a riqueza desse tipo de ecossistema.



Ela levou xilopódios de plantas campestres, mostrando para o público um exemplo de estrutura que fica escondida debaixo do solo, e que, além de conferirem resistência ao fogo, pisoteio e outros distúrbios para as plantas (Pillar et al., 2009), possuem uma grande importância para sequestro de carbono, um serviço ecossistêmico que normalmente é atribuído apenas a ecossistemas florestais (Overbeck et al., 2015). Para completar, o Professor Jarenkow comentou um pouco das diferentes regiões fisiográficas do bioma: Litoral, Encosta do Sudeste, Serra do Sudeste, Depressão Central, Campanha, Missões e Planalto Médio (Stumpf *et al.*, 2009). Tocando nesse assunto, ele pôde esclarecer um pouco mais a multiplicidade de paisagens do Pampa, colocação fundamental para essa construção de uma nova ideia de Pampa que estávamos buscando.

A segunda pergunta foi a seguinte: “Se esse bioma é tão biodiverso, por que vocês acham que ele é tão negligenciado?”. O Professor Paulo Brack começou falando das questões da legislação. Entrou na questão da soja, que por ser uma atividade de monocultura extensiva, é a principal responsável pela supressão da vegetação nativa do Pampa. De 2000 a 2015 a área plantada com soja no RS aumentou 73,7% (Kuplich *et al.*, 2018), isso porque é uma atividade ativamente incentivada por políticas governamentais (Wizniewzky et al., 2017). Conversando com as fotografias da exposição, ele deixou claro que isso não faz sentido porque a plantação de soja destrói o campo nativo e causa problemas de intoxicação por agrotóxico, enquanto isso, existe uma atividade muito rentável que é capaz de conciliar a preservação do campo com a produção: a pecuária.

Ana contou um pouco dessa longa história de coevolução entre o campo e o gado. O clima atual do bioma Pampa é mais propício à formação de florestas. Em seu histórico de formação e manutenção, os ecossistemas campestres sempre se desenvolveram junto de algum distúrbio, seja ele o fogo ou o pastejo (Pillar *et al.*, 2009). A criação de gado é uma atividade que não só convive bem com o campo, como é fundamental para manter esse ecossistema, não permitindo que as florestas avancem sobre ele (Cruz, Guadagnin, 2012).

Ana comentou, então, como é triste que essa atividade não esteja sendo tão explorada no nosso estado nos dias de hoje, visto que a criação de gado faz parte da formação cultural do povo gaúcho. O gaúcho se constitui com o Pampa como paisagem, no campo, a cavalo, vivendo do gado, a beira do fogo de chão, na comunhão do mate amargo (Chomenko, Bencke, 2016). Para ilustrar



isso, Ana leu um trecho de um livro chamado “Os gaúchos”, da antropóloga Olinda Fachel Leal, onde há uma citação de um dos diários de Charles Darwin, que diz o seguinte:

A aparência deles é marcante. Geralmente são altos e belos, mas levam no semblante uma expressão de orgulho e decadência. A maioria usa bigodes, com o cabelo preto e comprido descendo em cachos por suas costas. Com suas roupas coloridas, grandes esporas tilintando nos calcanhares e facas presas à cintura como punhais (e frequentemente usadas assim), parecem uma raça de homens muito diferente do que se poderia esperar pelo nome de gaúchos, ou simples campônios. Sua cortesia é excessiva; nunca bebem suas bebidas sem esperar que você prove também; mas, enquanto fazem uma reverência extremamente graciosa, parecem igualmente prontos, caso a ocasião surgisse, a cortar sua garganta.” (Darwin, 1839, 2000, p. 123, tradução Leal).

A paisagem pampiana é fundamental para a formação cultural do gaúcho. A estância, hábitos, costumes e toda a cultura regional, são decorrentes do ambiente pampiano (Chomenko, Bencke, 2016). É lindo ver uma atividade que concilia remuneração, cultura e preservação, mas é lamentável que não estejamos usufruindo de todo o potencial que a pecuária tem no Pampa. Visto que a supressão da vegetação nativa é uma realidade cada vez mais palpável. A pergunta que fica de toda essa reflexão é: o que vai ser da cultura gaúcha sem o Pampa, sem o campo, sem a paisagem onde ela se forma?

A terceira e última pergunta foi a seguinte: “Na opinião de vocês o que a gente pode fazer para mudar esse cenário, e preservar o que resta da vegetação pampiana?” Os três pesquisadores comentaram três atitudes fundamentais: incentivo a pesquisa, votar em representantes que se importam com a pauta, e divulgação científica, sendo a conscientização uma poderosa ferramenta para mobilização de políticas que mudem esse cenário de negligência. Essa fala deles evidencia a importância do evento que aqui estamos relatando, a conscientização é fundamental para mobilização de políticas públicas.

Colando o Pampa: quando a brincadeira vira aprendizagem

Desenvolvemos um material de apoio para auxiliar os professores a abordarem o tema da conservação do Pampa em sala de aula. Ele propõe uma atividade de colagem, que conta com uma



capa (figura 15), uma página de apresentação e instruções da atividade (figura 15) e encartes informativos dos elementos da biodiversidade do Pampa.



Figura 15. Material didático, 2025. Arte digital, 29,7 cm x 21cm. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal.

A) Capa. B). Instruções.

A atividade utiliza fotos da exposição, propondo que os alunos criem suas ideias de Pampa através delas, e que possam ampliá-la através das informações contidas nos encartes. A ideia é facilitar a introdução desse tema que costuma ser pouco abordado nas escolas de forma lúdica e criativa, permitindo que os alunos se divirtam aprendendo. O material didático infelizmente ainda não foi testado em sala de aula, mas despertou o interesse do público da exposição, inclusive de diversos professores presentes.

Colando paisagens, biodiversidade, conexões e memórias

Com base na atividade proposta no material didático, montamos no dia do evento uma “estação de colagem”, convidando os visitantes para uma grande atividade de colagem coletiva. As



fotografias de paisagens e elementos da biodiversidade em papel foram disponibilizadas, assim como colas e tesouras, deixando o público livre para criar com esses elementos (figura 16A). O engajamento foi expressivo (figura 16B), terminando em um lindo painel (figura 16C), resultado das intervenções artísticas feitas durante o evento.



Figura 16. Atividade de colagem, 2025. Fotografias digitais. A) Colagens 3. Emanuelle Aguirre. Fonte: arquivo pessoal. B) Colagens 2. Ariosto Mello. Fonte: arquivo pessoal. C) Cola- Pampa. Amanda Mello. Fonte: arquivo pessoal.



Foi uma forma muito interessante de conectar os espectadores com a obra, dando a eles a oportunidade de manipular e criar com as mesmas fotos da exposição, participando da construção de um produto do evento. O momento da colagem coletiva cria recordações em conjunto, tornando o evento ainda mais memorável, transformando os aprendizados sobre conservação do Pampa em memórias inesquecíveis.

O público surpreendeu fazendo diversas instalações muito originais, principalmente misturando elementos da biodiversidade, criando verdadeiras “quimeras do Pampa” com as imagens disponibilizadas. A possibilidade de cortar os elementos trouxe outra novidade interessante que foi o aparecimento de certos elementos no lugar de outros. Um exemplo foi a flor de *Opuntia elata*, que apareceu em mais de uma colagem representando o sol. Em uma das colagens, as patinhas do *Homonota xiru* apareceram representando plantas campestres. O aparecimento de colagens de paisagens campestres com vacas foi bem expressivo, mostrando que o público entendeu a importância desses animais na manutenção dessas formações.

Aromas e texturas: as plantas como ferramenta para ambientação

Mudas de plantas nativas do Pampa, disponibilizadas pelo Grupo Viveiros Comunitários UFRGS (@grupo_viveiros_comunitarios), e arranjos de plantas campestres nativas disponibilizadas, pelo LevCamp UFRGS (@levcamp.ufrgs) foram introduzidas no local do evento. Além de uma linda decoração para a exposição, funcionou como um mecanismo de ambientação, teletransportando não só por meio das imagens, mas também das plantas, o público para essa nova ideia de Pampa. Esse Pampa biodiverso, cheio de paisagens diferentes para serem exploradas.

O Pampa possui muitas espécies com potencial ornamental, ilustradas no livro “Cores e formas no Bioma Pampa: plantas ornamentais nativas” (Stumpf et al., 2009). Levar as plantas foi também uma forma de ilustrar a biodiversidade ao vivo (figura 17). Atravessando as imagens, permitindo que o público entendesse a diversidade através de outros sentidos além da visão, como o toque e o olfato, transformando a exposição em uma experiência sensorial e com múltiplas abordagens.



Figura 17. Instalações, 2025. Fotografia digital. Ariosto Mello.

E o que fazer com esse estranhamento?

Em uma carta a Goethe, Humboldt escreveu: “a natureza deve ser sentida” (1806 apud WULF, 2016). Assim ele deixa claro que para entender a natureza, o conhecimento empírico não basta, é preciso desafiar-se a despertar todos os sentidos, estar atento para poder ver, ouvir, tocar e sentir os aromas da natureza, permitindo que ela toque nossas emoções. Com os avanços da tecnologia e acesso tão rápido à informação, acabamos nos esquecendo disso, achando que podemos fazer as pessoas entenderem as problemáticas ambientais apenas através de um *post* no Instagram, por exemplo.

Esse trabalho revive a importância do envolvimento emocional, utilizando arte-ciência como método para divulgação de questões de conservação e biodiversidade do bioma Pampa. Acreditamos que uma das principais inovações trazidas foi a experiência multissensorial. Com um conjunto de ações artísticas envolvendo tato, visão, audição, fala e leitura, permitimos que cada um interagisse com as metodologias propostas, participando ativamente, criando memórias de acordo com suas próprias experiências, despertando todos os sentidos. Isso só foi possível porque



a abordagem empregada permite entender a diversidade de públicos, e não parte do pressuposto de que eles são leigos, ou uma tábula rasa.

O conhecimento artístico é fundamental para comunicação com o público, assim como o conhecimento científico é fundamental para propagação de informação de qualidade. É por isso que, para causar impactos reais, a divulgação científica precisa ser interdisciplinar. É fato que os pesquisadores devem reinventar as formas como fazem divulgação científica. Fazer postagens no Instagram e *folders* é eficaz, mas não o suficiente para combater a quantidade de desinformação propagada na Internet nos dias de hoje. É dever do pesquisador comunicar o conhecimento para a sociedade, mas isso precisa ser feito de forma atrativa e acessível.

O evento foi um momento de aprendizagem de forma leve, divertida e sensível. Acreditamos que o que fica, na maioria dos espectadores, é o desejo de mudar a situação de negligência do bioma, um desdobramento gerado por esse estranhamento que vem da arte, pela sua subjetividade, interatividade e multiplicidade de sentidos. O que cada espectador vai fazer com esse estranhamento, que se desdobra em desejo, é uma incógnita, mas o fato de ele existir, já é um pequeno passo rumo a preservação do nosso Pampa.

Para continuar o projeto, além de fazer mais edições do evento, levar a exposição para mais lugares e elaborar mais atividades para incrementá-lo, estamos pensando em uma forma de deixar esse material disponível, em um perfil no Instagram. Esse perfil funcionaria como um espaço para centralizar as informações do projeto, disponibilizar material de apoio e canal oficial para contato (dúvidas, divulgação e agendamentos).

Pensamos também em elaborar mais uma atividade escolar em que, inspirados nas fotos da exposição, os alunos sejam incentivados a fotografar o Pampa e possam montar sua própria exposição na escola. Essa ideia de que todos podem fotografar o Pampa, o exercício de ver beleza na natureza, é fundamental para que as crianças entendam a importância de iniciativas de preservação. Um complemento para essa atividade será a oficina básica de fotografia que iremos montar. Essa oficina será focada em fotografia com uso de *smartphones*.

Agradecimentos



Esse é um projeto colaborativo e contei com a ajuda de muitas pessoas para poder realizá-lo. Queria começar agradecendo meu amigo Martin por me emprestar suas fotos para que eu pudesse incluir na exposição, aos meus professores Márcio Borges e Lilian Maus pela brilhante orientação e curadoria, e aos estudiosos Paulo Brack, João Jarenkow e Ana Porto pela disponibilidade de falar na roda de conversa. Agradeço também ao PPG Biologia Animal UFRGS pelo financiamento e ao curador Diego Groismann por disponibilizar um espaço tão especial como a Casa Baka para realização do evento, além de todo o apoio na organização. Sou grata pelo apoio do PETBio UFRGS, dos meus amigos, de todos que ajudaram na divulgação e da minha família, que além de me aconselharem incontáveis vezes me ajudaram a preparar e montar muitos detalhes para o evento. Agradeço também o empenho dos meus amigos integrantes do Clube de Teatro da Física, por toparem fazer uma montagem especialmente para esse projeto. Esse evento só pode acontecer porque pude contar com a ajuda de cada um e sou muito grata por isso.

Bibliografia

ANDRADE, B. O. *et al.* **12,500+ and counting: biodiversity of the Brazilian Pampa**. *Frontiers of Biogeography*. V. 15, N. 2, 2023. Disponível em <https://escholarship.org/uc/item/7tp2k884>. Acesso em 01/08/2025.

CARVALHO, P. E. R. Corticeira-do-banhado (*Erythrina crista-galli* L.). **Espécies arbóreas brasileiras**. v. 2. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2006. p. 185-190. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1140764/1/Especies-Arboreas-Brasileiras-vol-2-Corticeira-do-Banhado.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2025.

MELLO, A. KLIPPEL, M. Casa Baka. **Exposição PAMPA: Trazendo luz a questões de conservação e biodiversidade**, Porto Alegre, 2025. Livro de presenças.

CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. (Org.). **Nosso Pampa Desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. 208 p. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201708/25130950-nosso-pampa-desconhecido.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2025.

CRUZ, R. C.; GUADAGNIN, D. L. Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. In: UFSM. PPG geografia e geociências; dep. de geociências (org.). **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS**: práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas. Santa Maria: UFSM, 2010. p. 155-179. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/264802896> Uma pequena historia ambiental do Pa



[mpa_Proposta_de_uma_abordagem_baseada_na_relacao_entre_perturbacao_e_mudanca.](#)

Acesso em: 27 mai. 2026.

COSTA, B. P.; QUOOS, J. H.; DICKEL, M. E. G. (Org.). **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas.** Santa Maria: UFSM, PPG Geografia e Geociências, 2010. p. 154-179. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/264802896_Uma_pequena_historia_ambiental_do_Pampa_Proposta_de_uma_abordagem_baseada_na_relacao_entre_perturbacao_e_mudanca.](https://www.researchgate.net/publication/264802896_Uma_pequena_historia_ambiental_do_Pampa_Proposta_de_uma_abordagem_baseada_na_relacao_entre_perturbacao_e_mudanca)

Acesso em: 18 nov. 2025.

CURTIS, D. J; GUY BALLARD, N. R. **Communicating Ecology Through Armt: What Scientists Think. Ecology and Society.** V.17, No. 2, p 15, jun 2012. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/26269030?seq=1>. Acesso em 30. jul. 2025.

GRINGS, M. *et al.* **A new species of Pavonia (Malvaceae) from Southern Brazil.** Práticas em Botânica, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 419-423, 2011. Disponível em: https://praticasembotanica.com/wp-content/uploads/2011/08/pavonia_secreta.pdf. Acesso em: 18 nov. 2025.

HARTMANN, M. T. *et al.* **Feeding Habits and Habitat Use in *Bothrops pubescens* (Viperidae, Crotalinae) from Southern Brazil.** Journal of Herpetology, [S. l.], v. 39, n. 4, p. 664-667, 2005. Disponível em: <https://bioone.org/journals/Journal-of-Herpetology/volume-39/issue-4/190-03N.1/Feeding-Habits-and-Habitat-Use-in-span-classgenus-speciesBothrops-pubescens/10.1670/190-03N.1.short>. Acesso em: 18 nov. 2025.

KUPLICH, Tatiana Mora; CAPOANE, Viviane; COSTA, Luis Fernando Flenik. **O avanço da soja no bioma Pampa.** Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 31, p. 83-100, jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/download/4102/3978/25190>. Acesso em: 12 mar. 2026.

LEAL, O. F. **Os Gaúchos: cultura e identidade masculinas no Pampa.** 1. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021.

LEMOS, G. M. **Levantamento da flora em uma área de campos rupestres em Santa Margarida do Sul-RS. [2019]. 33 p f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas), Universidade Federal do Pampa, 2019.** Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/items/2655488c-b9a2-492a-bed2-d61dfc6cd06a>. Acesso em: 18 nov. 2025.



LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MALLERET, D. *et al.* **A new species of Homonota (Squamata, Phyllodactylidae) from the Uruguayan Savanna**. *Zoologica Scripta*, [S. l.], v. 52, n. 5, [p. 535-555], 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/zsc.12610>. Acesso em: 18 nov. 2025.

MAUS, Lilian; POLIDORO, Marina (Org.). **Histórias e Práticas Artísticas Catálogo de Atividades 2023-2025**. Porto Alegre: UFRGS, 2025.

MAUS, L.; BORGES-MARTINS, M. **Verdes Pampas: se podes ver, repara**. Amanda Mello; Martin Klippel. Exposição PAMPA: Trazendo luz a questões de conservação e biodiversidade, 2025, Casa Baka, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/historiasepraticasartisticas/2025/11/07/pampa-trazendo-luz-a-questoes-de-conservacao-e-biodiversidade/>. Acesso em: 13 mar 2026.

MENEZES, L. S. *et al.* **Plant species richness record in Brazilian Pampa grasslands and implications**. *Brazilian Journal of Botany*, v. 41, p. 817-823, 2018. DOI: 10.1007/s40415-018-0492-6. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40415-018-0492-6>. Acesso em 18 nov. 2025.

MOREIRA, J. C. *et al.* Avaliação integrada do impacto do uso de agrotóxicos sobre a saúde humana em uma comunidade agrícola de Nova Friburgo, RJ. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 299-311, 2002. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v7n2/10249.pdf. Acesso em: 18 nov. 2025.

OLIVEIRA, M. de L. A. de. *et al.* **Composição, estrutura e fatores edáficos condicionantes da distribuição das espécies do componente arbóreo em floresta ribeirinha do rio Ibirapuitã, Bioma Pampa**. *Iheringia, Série Botânica*, [S. l.], v. 70, n. 2, p. 245–263, 2016. Disponível em: <https://isb.emnuvens.com.br/iheringia/article/view/389/263>. Acesso em: 18 nov. 2025.

OLIVEN, R. G. **Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 6, n. 15, p. 40-52, 1991. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/331339755/Oliven-Em-Busca-Do-Tempo-Perdido>. Acesso em: 17 mar. 2026.

OVERBECK, G. E. *et al.* **Conservation in Brazil needs to include non-forest ecosystems**. *Diversity and Distributions*, v. 21, p. 1455-1460, 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/ddi.12380>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PERES, R. L. P. **Os olhos no outro: estudo da sensibilidade na imagem fotográfica de pessoas de diferentes culturas**. 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009. Disponível em:



<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/192c83a8-8f2b-4bb0-9cf5-5b0a9a772f7a/content>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PETZOLD, E. S. **Conectividade da paisagem pampeana para aves não ameaçadas: modelando a ocupação através de monitoramento acústico passivo**. 2021. 765 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/245899>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PILLAR, V. D. P. *et al.* (ed.). *Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade*. Brasília, DF: MMA, 2009. 403 p. Disponível em: <http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Livros/CamposSulinos.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2025.

POESTER, Gabriel Collares *et al.* **Práticas para Restauração de Mata ciliar**. 1. ed. Porto Alegre, Editora Cotorse, 2012. Acesso em: 4 nov. 2024.

PROJETO MAPBIOMAS. **Destaques do Mapeamento Anual da Cobertura e Uso da Terra no Brasil de 1985 a 2021: Pampa**. [S.l.]: MapBiomias, 2022. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2023/11/MapBiomias_PAMPA_2022_1.10__1_.pdf-_pdf?>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PUSTAI, D. L. **Paragem das Figueiras: um ponto de parada na rota dos butiazais**. 2017. 132 f. Trabalho de Conclusão de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170112/001050583.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SECCHES, F.; ACIOLI, S. (Org.). **O dia escuro: contos inquietantes de autoras brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 232 p.

SIMIS, M. J.; MADDEN, H.; CACCIATORE, M. A.; YEO, S. K. **The lure of rationality: why does the deficit model persist in science communication?** Public Understanding of Science, v. 25, n. 4, p. 400-414, maio 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27117768/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. (Org.). **Cores e formas no Bioma Pampa: plantas ornamentais nativas**. Pelotas. Embrapa Clima Temperado, 2009. 276 p. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201708/25130933-cores-e-formas-no-bioma-pampa-plantas-ornamentais-nativas.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SULDOVSKY, B. **The Information Deficit Model and Climate Change Communication**. In: Oxford Research Encyclopedia of Climate Science. Oxford: Oxford University Press, 26 set. 2017. DOI



10.1093/acrefore/9780190228620.013.301. Disponível em:
<https://oxfordre.com/climatescience/display/10.1093/acrefore/9780190228620.001.0001/acrefore-9780190228620-e-301>. Acesso em: 21 nov. 2025.

VERISSIMO, E. **O tempo e o vento**. [S. l.]: Globo, 1967. 3 v.

WIZNIEWZKY, C. R. F. **Olhares sobre o Pampa: um território em disputa**. Porto Alegre. Evangraf. 2017. Disponível em:
<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/538/2019/01/Livro-Pronto-Olhares-sobre-o-pampa-2.pdf#page=10>. Acesso em 30. jul. 2025.

WULF, A. **A invenção da natureza: a vida e as aventuras de Alexander von Humboldt**. Tradução de Renato Marques. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

ZANK, C. *et al.* **Climate Change and the Distribution of Neotropical Red-Bellied Toads (Melanophryniscus, Anura, Amphibia): How to Prioritize Species and Populations?** PLOS ONE, [S. l.], v. 9, n. 4, e94625, 2014. Disponível em:
<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0094625>. Acesso em: 18 nov. 2025.

Recebido em: 15/04/2026

Aceito em: 15/06/2026

[1] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Amanda.mello.9876@gmail.com

[2] Professor Titular no Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. borges.martins@ufrgs.br